

Ano XX nº 5432 – 18 outubro de 2016

Campanha terá impacto de R\$ 12 bi na economia

Os ganhos dos trabalhadores ajudam a aquecer a economia brasileira e fazem o país crescer. Somente as conquistas dos 504.345 bancários na Campanha Nacional Unificada 2016 - reajustes nos salários, vales e PLR total - vão levar à economia brasileira R\$ 12.118 bilhões.

O reajuste de 8% nos salários da categoria bancária mais o abono de R\$ 3.500, conquistados na Campanha Nacional de 2016 representa um acréscimo anual de cerca de R\$ 5,771 bilhões na economia, de acordo com projeção feita pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

Em âmbito nacional, a PLR conquistada pela categoria bancária injetará por volta de R\$ 5,470 bilhões na economia nos próximos 12 meses. Já na antecipação do pagamento, que será paga dez dias após a assinatura da Convenção Coletiva de Trabalho da categoria, o impacto na economia será de cerca de R\$ 2,127 bilhões. Além disso, o reajuste de 15% e 10% nos auxílios alimentação e refeição, respectivamente, da categoria bancária terá um impacto adicional de R\$ 877,525 milhões em um ano. Somando o reajuste nos salários, abono, vales e a PLR total o impacto da campanha salarial dos bancários 2016 será de R\$ 12,118 bilhões.



Bradesco antecipa pagamentos



O Bradesco pagará na próxima sexta-feira, dia 21/10, a antecipação da Participação nos Lucros e Resultados (PLR) e o abono de R\$3,500,00.

No dia 27/10, serão pagas as diferenças nos vales e a 13ª cesta alimentação e no dia 28/10, as diferenças salariais.

A antecipação da PLR corresponde a 54% do salário reajustado em setembro de 2016, mais fixo de R\$ 1.310,12, limitado a R\$ 7.028,15 e ao teto de 12,8% do lucro líquido - o que ocorrer primeiro.

Banco do Brasil e Caixa já têm juros mais altos que os de bancos privados

Bancos públicos foram na contramão da concorrência e ajustaram gradualmente o juro cobrado dos clientes nos últimos meses. O movimento foi suficiente para mudar radicalmente o ranking do crédito do Banco Central. Se no passado recente Banco do Brasil e Caixa Econômica Federal operavam os juros mais baixos, agora as duas instituições já cobram algumas das maiores taxas. Entre os cinco grandes, o BB tem o maior juro no financiamento de veículos e a Caixa opera o segundo maior no crédito rotativo do cartão de crédito.

Após o estouro da crise em 2008, bancos estatais foram protagonistas quando os ex-presidentes Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff incentivaram o consumo via queda de juros. O plano, porém, mudou. No ano passado - ainda no governo Dilma - os dois bancos federais começaram a elevar lentamente os juros em relação à subida da taxa Selic e diante da necessidade de melhorar a estrutura de capital, como revelou o jornal O Estado de S. Paulo no início do ano.

Com a chegada de Michel Temer ao Palácio do Planalto, o movimento ganhou velocidade. Em maio, o peemedebista indicou Paulo Caffarelli para a presidência do BB e Gilberto Occhi para a Caixa. Sob o novo comando, os dois bancos adotaram o discurso de recompor receitas para recuperar a rentabilidade perdida nos anos de ação mais agressiva. Pouco mais de quatro meses com a nova chefia e as instituições já exibem juros bem próximos dos concorrentes. Às vezes, até maiores.